

<https://doi.org/10.35520/diadorim.2007.v2n0a3857>

LOPES, Célia Regina dos Santos. (org.) *A Norma Brasileira em Construção. Fatos Lingüísticos em Cartas Pessoais do Século 19*, Rio de Janeiro: FAPERJ/UFRJ, 2005, 251p.

por *Lorenzo VITRAL* (UFMG)

Poder ler cartas pessoais, plenas de afeto, escritas por um casal brasileiro do século 19 é, por si só, um deleite para um leitor interessado em vislumbrar um pouco das trocas, simbólicas ou não, no meio familiar e, com isso, extrair reflexão acerca de costumes e cenários de mais de 100 anos atrás. A leitura deste livro, organizado pela professora da UFRJ, Célia Lopes, traz-nos, no entanto, muito mais do que isso. Trata-se de um trabalho coletivo, de professores e pesquisadores que fazem parte da equipe carioca do *Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB)* e que, tomando por base uma amostra de 41 cartas particulares escritas entre 1883 e 1889 pelo casal Christiano Benedicto Ottoni e Bárbara Balbina de Araújo Maia

Otoni a seus netos Mizael e Christiano, filhos dos Barões de Madalena, teorizam, em capítulos destacados e com muita propriedade e relevância para a nossa área, sobre diversos aspectos lingüísticos e metodológicos.

O *corpus* então disponibilizado é de extrema utilidade para demais pesquisadores que se sintam impelidos a se debruçar sobre o conjunto das cartas: estar-se-á diante de uma edição fac-símile de uma amostra que nos permite exercer, de forma objetiva, o controle de variáveis sociolingüísticas, ou seja, estão explícitos o gênero, a faixa etária e o nível sócio-cultural dos “informantes”.

A primeira parte do livro é composta dos seguintes textos:

No capítulo “O tratamento dos *Corpora* de Sincronias Passadas

da Língua Portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e lingüísticos”, Afrânio Gonçalves Barbosa reflete sobre a possibilidade de ser criado um parâmetro para se definir de forma objetiva qual era a norma culta “real” praticada no século 19 no Brasil, independentemente daquela prevista pela escola ou pelos manuais escolares. O seu objeto empírico é a forma nominal do gerúndio realizada em estruturas sintéticas e analíticas, que é analisada nas cartas dos avós e também em periódicos impressos do período. A comparação da incidência dos dois usos do gerúndio nos dois *corpora* mostra que a linguagem dos avós, com diferenças entre o avô e a avó, já que aquele era mais escolarizado e fazia uso profissional da escrita, é mais próxima do padrão oral que os periódicos impressos.

O trabalho de Célia Regina dos Santos Lopes e Ana Carolina Morito Machado intitulado “Tradição e Inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós” aborda o uso diferenciado que os avós fazem dos pronomes *você* e *tu* que se comportam como formas concorrentes. Opõem-se o uso estável e sistemático do avô Christiano mais próximo da norma preconizada: predomínio de *tu* devidamente correlacionado com outras formas de segunda pessoa e o emprego generalizado

de *você*s na posição sujeito, e o uso instável da avó Bárbara que mistura *você* e *tu* com correferentes de 2ª e 3ª pessoas. Nas cartas mais espontâneas da avó é possível vislumbrar, assim, o fenômeno da “mistura de formas de tratamento” que se torna padrão a partir do século 20.

Em “Gênero e Norma: avós e netos, classes e clíticos no final do século XIX”, Maria Eugênia Lamoglia Duarte e Emílio Pagotto analisam a colocação dos clíticos com vistas a discutir de que maneira os falantes reagem aos processos de mudança e normalização lingüísticas. A análise das cartas mostrou-nos que o avô se aproxima mais da norma lusitana, ou seja, com predomínio da ênclise enquanto a avó se entrega com mais desenvoltura às formas mais nacionais, isto é, o emprego majoritário da próclise.

O trabalho de Dinah Callou, Sílvia Eleutério e Josane Moreira, intitulado “Estruturas de futuridade em cartas pessoais do século XIX”, versa sobre as formas de expressão do futuro na nossa língua, numa perspectiva da mudança lingüística de acordo com a sociolingüística quantitativa e a noção de gramaticalização. Nas cartas, encontram-se 51 ocorrências de futuridade com predominância das formas simples (61%) sobre as perifrásticas (39%). As autoras alertam que, embora o avô Christiano,

contrariamente ao que se passa em relação aos fenômenos estudados nos capítulos precedentes, se comporte de maneira mais inovadora ao utilizar perífrases de futuro com *ir* e *vir*, os dados, muito exíguos, principalmente, nas cartas da avó Bárbara (total de 5), não autorizam que se tire qualquer conclusão definitiva.

Encerra esse conjunto de trabalhos da primeira parte do livro a análise de Mário Eduardo Martelotta nomeada de "Advérbios qualitativos em cartas familiares do século XIX". Examina-se a distribuição dos advérbios *bem* e *mal* e também de advérbios em *-mente*, com valor qualitativo, na busca de fundamentação para a hipótese de que há uma tendência de desuso de posições pré-verbais para a alocação de advérbios do tipo considerado. A sustentação teórica

para essa hipótese é encontrada na perspectiva da gramaticalização também levada em conta pelo autor.

A segunda parte do livro é composta, enfim, da edição fac-símile das cartas da família Otonni aos netos. Estas cartas já haviam sido publicadas em livro sob a organização do Arquivo Nacional em 1978. Esta edição, no entanto, não se pautou por preocupações de fidedignidade do ponto de vista filológico, o que o livro ora lançado se propõe a resolver não apenas fornecendo uma transcrição criteriosa das cartas, que inclui notas de rodapé sobre pontos de ortografia; mas também, ao lado do documento, o seu fac-símile, dando ao pesquisador recalcitrante a chance de realizar sua própria interpretação de eventuais trechos duvidosos.